

Forbes avalia ^{economia} Brasil na era do real

■ Secretário de Defesa de Reagan está otimista sobre os rumos da economia

MARIA LUIZA ABBOTT

BRASÍLIA — O secretário de Defesa dos Estados Unidos no governo Ronald Reagan, Caspar Weinberger, atual *chairman* da revista *Forbes*, está em viagem pelo Brasil para avaliar o desempenho da economia brasileira. Weinberger condena a alternativa de desvalorização cambial para estimular exportações e diz que os investimentos externos, embora crescentes no país, não resolverão a questão do desemprego. Na edição de junho da *Forbes*, o Brasil, com avaliação do Plano Real, será tema principal.

“A desvalorização não estimula as exportações, porque nenhum país deixa outro manter essa vantagem”, afirmou Weinberger, em entrevista ao **JORNAL DO BRASIL**. O *chairman* da *Forbes* lembrou da experiência do México como exemplo dos problemas que esse tipo de estratégia causa. Com fuga de capital sem precedentes em 1994, o governo mexicano decretou máxi-desvalorização da moeda para evitar crise cambial e afetou toda a economia latino-americana. “O México prejudicou seus vizinhos, como Brasil e Estados Unidos”, disse.

Weinberger demonstrou profundo conhecimento da situação brasileira. Segundo o ele, o Brasil é atraente para o capital estrangeiro e os investimentos externos no país, a

maior parte na indústria automobilística, estão crescendo. “Essas indústrias precisam reduzir custos e, por isso, usam intensivamente trabalho de robôs, o que não cria empregos”, lamentou.

Contrariando a onda de pessimismo de artigos de revistas como *The Economist* e *Business Week*, que fazem previsões sombrias sobre o Brasil, Weinberger está otimista, e comparou a situação atual com o que encontrou em visitas anteriores ao Brasil: “O país conseguiu uma grande conquista ao reduzir sua inflação, que andava em 2.000% quando estive aqui. Isso foi realmente um bom primeiro passo”.

As reformas na Constituição propostas pelo governo brasileiro são, segundo o secretário do governo Reagan, a única alternativa para reduzir o déficit público. Reconheceu, no entanto, as dificuldades, porque é preciso mexer em interesses arraigados. “Não é possível forçar as mudanças no Congresso e o governo brasileiro ainda terá desafios legais a enfrentar para conseguir mudar”, previu. Weinberger teve audiência com o ministro da Fazenda, Pedro Malan, em Brasília, e levou ao ministro uma visão mais otimista do que a de outros analistas estrangeiros.